

**Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de
Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe**

**Motherhood and study in the pandemic context : narratives of student mother students of
the Pedagogy course of the Federal University of Sergipe**

Dinamara Garcia Feldens
Débora dos Reis Silva Backes
Universidade Federal de Sergipe - UFS
São Cristóvão-SE-Brasil

Resumo

Esse artigo tem sua origem como parte de uma pesquisa que buscou compreender e analisar os sentidos a respeito da maternagem de alunas mães do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe através de suas narrativas. Como o estudo se desenvolveu durante o contexto marcado pela crise sanitária instalada pela pandemia do novo coronavírus, tornou-se essencial compreender a realidade pela qual passam essas alunas, já que é desse lugar que narram suas experiências e expectativas. A partir de suas falas foi possível perceber como a desigualdade de gênero, os estereótipos impostos às mulheres, sobretudo às mães, impactam a permanência dessas alunas no curso, assim como a qualidade de sua formação, refletindo conseqüentemente na construção de suas subjetividades profissionais.

Palavras-chave: Pandemia; Maternagem; Pedagogia

Abstract

This article has its origin as part of a research that sought to understand and analyze the meanings about the motherhood of mother students of the Pedagogy course of the Federal University of Sergipe through their narratives. As the study developed during the context marked by the health crisis installed by the pandemic of the new coronavirus, it became essential to understand the reality that these students go through, since it is from this place that they narrate their experiences and expectations. From their statements it was possible to perceive how gender inequality, stereotypes imposed on women, especially on mothers, impact the permanence of these students in the course, as well as the quality of their education, reflecting consequently in the construction of their professional subjectivities.

Keywords: Pandemic, Maternalization, Pedagogy

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Um novo contexto em questão

O ano de 2020 foi marcado por mudanças significativas em variados aspectos a partir dos impactos causados pela pandemia de COVID-19. Muitos ajustes tiveram que ser desenvolvidos para efetivar a necessidade de conter o avanço do coronavírus, assim, suspensão de várias atividades presenciais, reorganização de cronogramas e horários, novas formas de relacionamento, adaptações de atividades ao modo virtual e muitas, muitas rupturas desenham o cotidiano de todas as pessoas, porém, em um Brasil desnorteado, escasso de lideranças que atentem ao bom senso, já castigado por desigualdades sociais e proprietário de um sistema educacional bastante precarizado, os abismos se mostram mais evidentes e vêm determinando claramente aqueles que mais estão sofrendo durante essa grave crise sanitária, que, para nós brasileiros, vem perdurando e infelizmente até o momento se mostrando como uma realidade complexa e muito triste.

Revelam-se assim, em mais variados setores, nossas mais antigas dificuldades, agora sem mais a oportunidade de ocultarem-se sob o disfarce da correria cotidiana a que estávamos habituados. Nesse novo “normal” as marginalizações destacaram-se, as falhas emergiram com força, as interações em geral estão sendo redesenhadas enquanto nossos fazeres e modos de viver e trabalhar estão sendo reconfigurados.

Como um dos recursos utilizados na tentativa de conter a aceleração da disseminação do vírus, as aulas presenciais foram suspensas ainda em março de 2020, demandando uma grande mobilização para o ajustamento das atividades educacionais, de forma emergencial e aligeirada, para o ambiente virtual com aulas remotas e em alguns casos também o ensino híbrido, o que vem implicando em demandas que exigem cada vez mais esforços para o desenvolvimento de reconfigurações que venham a constituir condições de enfrentamento diante a tantas dificuldades.

Os impactos na vida das mulheres, sobretudo nesse contexto, se faz evidente, visto que a sobrecarga sobre o feminino se acentua. O trabalho remoto, a escola dos filhos em casa, a ruptura no que diz respeito a rede de apoio, a responsabilidade do cuidado consigo e com os demais (demanda sobretudo imposta às mulheres), o afastamento (e quebras) de vínculos e a violência doméstica são elementos envolvidos nessa trama.

A sociedade patriarcal definiu os modos de “ser mulher” através da constituição dos papéis de gênero. O casamento e a maternidade são praticamente o destino para essa “mulher ideal” o que vem acarretando em uma série de dificuldades para as mulheres tanto para exercerem suas atividades profissionais, impactando nos salários mais baixos, preconceitos em relação a capacidade em exercer certas funções enquanto outras são definidas como “naturalmente” femininas e por isso precarizadas; mitos, como o amor materno, que entre outras formas de controle, as impõem uma dura rotina de atenção e cuidados que a leva a negligenciar a si mesma e às suas relações, sob o apelo da perfeição da mulher mãe; cansaço, culpa e sensação de insatisfação e não pertencimento nos ambientes de trabalho, estudo, pesquisa, locais esses que não acolhem suas demandas, exigindo performances inatingíveis e desumanas.

Já no ambiente acadêmico, os problemas já enfrentados pelas mulheres ganham novas nuances com a adoção das atividades remotas, como citado por Silva et al (2020) quando descrevem tal situação, refletindo sobre o cuidado como parte da sobrecarga materna das brasileiras na pandemia. Segundo as autoras:

O referencial masculino nos ambientes de produção científica, que espera por pesquisadores e estudantes disponíveis exclusivamente para sua formação e/ou pesquisa, demonstra-se ainda mais evidente, a partir de algumas medidas que ignoraram a sobrecarga das mulheres que estariam agora ainda mais presentes no ambiente doméstico e se viram como principais ou únicas responsáveis pelas atividades do cuidado (SILVA et al, 2020, p. 151)

Constituindo-se em um lugar bastante marcado pelas relações de gênero, o meio acadêmico revela escassa discussão a respeito dos atravessamentos que se constituem em barreiras que impactam a permanência e a qualidade na formação de alunas que são mães, expondo um silenciamento que relega a problemática a marginalização em relação a outros temas considerados como mais importantes, lacuna essa que, no atual contexto, emerge e vem despontando, principalmente quando observamos as dificuldades que essas alunas vêm enfrentando para continuar seus estudos e demais atividades.

Diante do exposto, este artigo, que constitui parte de um trabalho de conclusão de curso*, propõe conhecer a realidade enfrentada pelas alunas mães do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe ao buscarem conciliar maternagem, trabalho e graduação imersas no contexto da pandemia do coronavírus, através de suas narrativas, buscando evidenciar os atravessamentos que envolvem seu cotidiano e sob quais formas impactam sua formação profissional.

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

A pesquisa foi desenvolvida entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, através de entrevistas via Google Meet, quando foram ouvidas sete alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, estudantes de variados períodos letivos, trabalhadoras, mães de crianças e/ou jovens. As entrevistas são semiestruturadas realizadas através de questionário e reuniões desenvolvidas virtualmente, para que as estudantes tivessem a possibilidade de discorrer sobre suas respostas, reuniões essas que foram gravadas e posteriormente descritas.

Partindo-se do movimento de narrar histórias, perspectiva-se evidenciar, questionar e reconfigurar seus legados, as continuidades, interrupções, objetivos, sonhos, as formas como as experiências são vivenciadas, a atribuição de sentidos sobre as percepções, relacionando contextos profissional e social.

As entrevistas narrativas se constituem em ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional, como declara Muylaert et al (2014).

No movimento de narrar sobre nós mesmos, revisitamos momentos, sensações, emoções e trazemos a experiência do vivido e também do que não foi vivido, reconfigurando os acontecimentos, reestruturando as nossas próprias representações.

O estudo qualitativo por meio das narrativas permite capturar as tensões do campo, de maneira que as ressonâncias e dissonâncias de sentidos que emergem pelas falas, sejam problematizadas a partir do encadeamento das falas que constitui a trama em que relatos biográficos e fatos vivenciados se entrelaçam. As narrativas permitem ir além da transmissão de informações ou conteúdo, fazendo com que a experiência seja revelada, o que envolve aspectos fundamentais para compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto em que está inserido (MUYLAERT et al, 2014, p. 198)

Conhecer as experiências e os sentires dessas alunas constitui-se em uma forma de buscar compreender elementos do seu cotidiano que já se mostravam antes desse período específico e impactavam em sua trajetória acadêmica, sendo, no contexto da pandemia, acirrados a partir de demandas que impõem particularmente às mulheres uma extensa carga de responsabilidades.

Conhecendo as narrativas das estudantes

Foram entrevistadas sete alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe que são mães e trabalhadoras, para as quais a cada uma busquei relacionar um ofício artesão para identificar, por compreender seus movimentos narrativos expressões

potencialmente artísticas. Assim as estudantes mães foram identificadas: A desenhista, A rendeira, A costureira, A tecelã, A escultora, A bordadeira, A ceramista, ofícios atribuídos às alunas por ordem cronológica de entrevista. Serão declarados seus períodos letivos, mas não suas cidades de origem, apenas a cidade onde residem. As descrições das narrativas respeitam a autenticidade em relação à forma como cada estudante se expressou no momento da entrevista.

A desenhista – 20/11/2020

Tenho 28 anos, me identifico como parda (não sei se isso existe), sou oficialmente solteira, mas, moro com meu companheiro em Laranjeiras, Sergipe. Tenho dois filhos, de dez e sete anos. Durante o ensino presencial, ficava uma semana estudando e no final de semana ia ficar com os filhos, espaçados de quinze em quinze dias. Eles eram cuidados por minha mãe, em outra cidade, no interior.

Estava fazendo estágio remunerado em instituição escolar pública, quando iniciou-se o isolamento social por conta da pandemia. Continuei nele até finalzinho de julho, pois, foi quando tive que adentrar em um novo emprego, porque eu já estava percebendo que a área de educação estava parando, por se tratar de um estágio remunerado, as perspectivas eram poucas e a qualquer momento eu iria ser dispensada. Então, entrei em outro emprego. Em relação aos meus filhos ficou tudo muito solto esse ano, eu percebo as dificuldades deles, principalmente do mais novo, que está em processo de alfabetização, então, notei que coisas que ele sabia hoje não sabe mais, percebo que para eles foi muita perda, de tempo, o tempo está sendo empregado em televisão, celulares. O mais velho que lia fluentemente agora está enganchando nas palavras, enfim, esse ano foi de falhas no aprendizado, uma parada na aprendizagem e no desenvolvimento, sendo que eu não estou podendo ajudar muito de perto por conta do meu novo contexto. Já meu contexto de estudante e trabalhadora, meu cotidiano é trabalhar durante o dia e estudar a noite, e agora com o finalzinho do curso tô tendo que me adequar pra arrumar um tempo de escrever minha monografia, o que está sendo uma sobrecarga, pois ainda tem as atividades assíncronas das disciplinas do período pra dar conta. Está sendo complicado porque tive muito medo e insegurança, em relação a tudo, estou no final do curso, no meio de uma pandemia sem saber direito o que estamos enfrentando, escolas fechadas. Incertezas e um ambiente escuro onde não sabemos o que virá e vamos tentando

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

fazer as coisas da melhor forma, nos adequando como dá, mas é tudo desconhecido e mais complicado.

A rendeira – 22/11/2020

Tenho 27 anos, sou parda, sou casada e moro em Nossa Senhora do Socorro. Tenho um filho de três anos de idade. Moro com meu filho e meu marido, sendo que nossa casa fica ao lado de casas de pessoas da minha família.

Depois da pandemia estou sem trabalhar fora, já havia saído do emprego para estudar e cuidar do meu filho, estava estagiando em uma escola quando ocorreu a necessidade do isolamento por causa do coronavírus, daí o estágio foi suspenso.

Agora nesses tempos de pandemia, tudo mudou. Meu marido está trabalhando à noite, eu não estou trabalhando fora, então estou assistindo as aulas remotas com ele do meu lado, mas, quando ele está tirando muito minha atenção, peço pra minha mãe ou minhas irmãs ficarem com ele ou mesmo a madrinha dele, pra que eu possa prestar mais atenção às aulas, é sempre esse rodízio de pessoas, cada uma fica um pouco com meu filho, pra que eu possa assistir as aulas. Me matriculei nas disciplinas do turno da noite, nas aulas remotas, porque assim tenho o dia para fazer as leituras, com meu filho do lado, além dos serviços da casa, mas é o que posso fazer para compreender os textos, estudar e fazer as atividades, até porque para muitas aulas temos que ter lido algum material para poder discutir e compreender a aula. Ele conversa e quer chamar minha atenção enquanto leio algo, textos ou leio no celular ou estou assistindo aula síncrona, aí não sei pra onde olho, é complicado!

Matriculamos meu filho na escola esse ano e vimos que ele já estava se desenvolvendo mais, gostou da escola, mas infelizmente, com a pandemia, tudo parou. Ainda bem que posso incentivar o desenvolvimento dele em casa, já é alguma coisa, o curso me dá essa base.

A costureira – 01/12/2020

Tenho 39 anos, sou parda, casada. Moro em Aracaju e sou mãe de dois filhos, de 13 e 17 anos. Moro com o marido e os dois filhos. Atualmente faço estágio em uma escola, estou indo três vezes por semana, já que as aulas estão suspensas por conta da pandemia. Primeiro estava colaborando com as aulas virtuais, preparando materiais para essas aulas, mas agora fui

remanejada para a parte administrativa. Estou no sétimo período do curso de Pedagogia na UFS.

Sobre dificuldade, posso citar como maior pra mim a falta de tempo, o que afeta minha concentração. E com a pandemia as coisas se complicaram mais. O período remoto é mais complicado. Requer mais concentração e é difícil, cansativo. Tivemos que levar escola, universidade e trabalho pra dentro de casa. Alguns professores, infelizmente, não estão sabendo como fazer e estão dando aula como se estivessem nas aulas presenciais. Não estamos dando conta de tantas atividades e trabalhos. No ensino presencial, muitas vezes poderíamos chegar mais cedo na universidade, meia horinha que fosse, e já aproveitava pra ler algum texto. Em casa não há tempo livre, nunca. Quando termino uma atividade mesmo um longo trabalho, não posso descansar, vou cuidar de algo em casa, que sempre tem algo pra fazer, então, não há descanso. Desde que começaram as aulas remotas não tenho tido tempo nem de acompanhar as notícias, meu filho me pergunta em que mundo eu vivo por não estar por dentro do que acontece, me pergunta o que estou fazendo e eu respondo: “correndo”. São tantas coisas que o que faço é priorizar e vou fazendo de acordo com a data de entrega

A bordadeira – 03/12/2020

Tenho 32 anos, sou negra, casada, moro em Aracaju e tenho uma filha de quatro anos. Moramos eu, meu esposo e nossa filha. Estava fazendo estágio em instituição educacional, mas, foi cancelado por causa da pandemia”. Estou no décimo período do curso de Pedagogia.

Atualmente que estou desempregada, ela fica comigo, enquanto ela fica brincando ou fazendo pinturas e eu converso com ela sobre meus horários de estudo, dizendo a ela que me chame quando precisar. Antes, para que eu fosse assistir aulas, ela ficava com minha irmã ou minha mãe, às vezes com minha sogra. De oito da manhã até as dezoito horas ela ficava com minha irmã, até meu marido chegar do trabalho buscava ela e levava pra casa. O maior desafio agora é dar conta de muitas atividades assíncronas e prestar atenção nas aulas, não é a mesma coisa, temos que nos concentrar, só que estamos em nossa casa. Estou ainda dando conta de escrever monografia, é bastante cansativo.

A escultora – 03/12/2020

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Tenho 27 anos, sou parda, solteira, moro Nossa Senhora do Socorro. Sou mãe de uma menina de cinco anos e moro com ela e meu companheiro. Antes da pandemia eu fazia estágio em instituição escolar, participando de um projeto social de assistência educacional a crianças socialmente vulneráveis. Esse estágio foi suspenso alguns meses depois do início do isolamento por conta da pandemia, o que foi péssimo. Estou no sexto ano do curso de Pedagogia e meu turno de aulas é o noturno.

Pensei que estando em casa por conta da pandemia, não precisando levar ela pra escola, as coisas iriam ser um pouco mais fáceis, mas, me enganei, não é tanto o cansaço físico, mas, mental.

Pensei em trancar algumas disciplinas nesse momento, por estar bem complicado o período remoto, são muitas atividades e manter a concentração nas aulas é algo muito difícil desse jeito, ainda tem os problemas de internet, é desgastante. Mas, conversando com meu companheiro, decidi seguir, com apoio dele.

A tecelã– 05/12/2020

Tenho 22 anos, sou negra, solteira, sou mãe de um bebê de três meses e moro na casa da minha sogra com ela, meu filho, meu companheiro e a irmã dele, em Aracaju.

Antes da pandemia era estagiária, trabalhava na elaboração das atividades remotas das crianças até o momento do meu parto, quando, então, o contrato da escola foi cancelado. Estou no sétimo período do curso de Pedagogia na UFS.

Meu filho nasceu nesse período de suspensão das aulas presenciais, pela necessidade de isolamento social, por conta da pandemia.

Como é muito recente, ainda estou assimilando tudo isso, principalmente, com esse novo modo de viver imposto pela pandemia. Me habituando primeiro com o ensino remoto, tão desconhecido, e também com a rotina materna. Me matriculei em seis disciplinas e mais a monografia, nesse ensino remoto, e cuidando de um bebê, estou tentando me adaptar e ver o que é possível. Antes de iniciar esse período a UFS ofereceu um período especial, com algumas disciplinas de férias, eu aproveitei para fazer uma disciplina, foram aulas remotas e eu estava na reta final da gestação. Quero me formar logo!

Essa semana mesmo aconteceu uma situação que decidi não assistir uma aula e ficar com meu filho, porque sinto que não quero perder os momentos com ele, então, nos vemos sempre tendo que escolher.

É sempre um desafio. Durante as aulas, que são à tarde, acontece de colocar meu bebê no carrinho e pôr ao meu lado, porque ele não dorme muito bem à tarde, tem horas que eu me perco no raciocínio sobre o que a professora tá falando, não acompanho direito, então, procuro rever o vídeo da aula depois, tenho que fazer isso pra entender. Recentemente fui convidada para o Programa Residência Pedagógica, como voluntária, sendo que, no início aceitei, tive vontade de participar, seria uma ótima oportunidade de aprendizagem, mas depois que começaram as aulas, na modalidade remota, e eu me vi com seis disciplinas e mais a monografia, percebi que não seria possível participar do RP, fiquei triste, mas, percebi que não daria conta

Por ser ensino remoto estou tentando estudar, fazer as leituras e as atividades pela manhã que é o horário que meu filho dorme, mas, nem sempre consigo. Durante a tarde é o período das aulas e ainda bem que vai só até as 16:00 horas porque se fosse até o final da tarde seria muito mais cansativo. Então o tempo que resta para estudar é a noite, só que a noite eu já estou cansada, então busco concluir leituras e atividades no final de semana, quando meu companheiro pode cuidar do bebê. Outra alternativa é acordar um pouco mais cedo do que a hora que o bebê geralmente acorda, pra tentar fazer alguma leitura, assistir um vídeo, porque no período da manhã eu me sinto mais disposta que a noite.

Dar conta de compreender a aula, assim como dar conta das leituras da monografia é um grande desafio. Esse mês foi um período muito cheio de atividades assíncronas e pra mim está sendo muito complicado. Fico triste e angustiada, quero entender o conteúdo, quero atender as demandas da universidade, não quero só acessar as aulas e deixar lá, ficar só escutando a aula, não quero isso, quero aprender. Faz um mês que não consigo sentar pra estudar sobre a monografia, isso me deixa triste, a sorte é que tenho uma orientadora que entende a situação, me apoia e me incentiva muito, vou inclusive conversar com ela a respeito da minha dificuldade nas leituras. Ela me aconselhou a iniciar as leituras antes de começar o período remoto, porque depois que esse iniciasse iria ser mais difícil, por isso eu já havia começado a pesquisar e fazer leituras.

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Aconteceu de pensar em trancar uma das disciplinas que estou fazendo no período remoto, porque não estava dando conta de compreender um material base para uma apresentação, um seminário, e para piorar, as pessoas do meu grupo começaram a desistir da disciplina, o que estava me desmotivando, porém, os alunos que ficaram no grupo se empenharam e conseguimos apresentar o trabalho, mas, essa foi uma situação estressante, porque eu não queria apresentar um tema sobre o qual eu não compreendia

Estou conseguindo assistir palestras e cursos a noite, poucas vezes, está um pouco difícil por conta das demandas.

A ceramista – 04/01/2021

Tenho 32 anos, negra, sou casada há 14 anos e sou mãe de um bebê de três meses. Moro em Aracaju com meu marido, meu filho, minha mãe, meu irmão, que é quinze anos mais novo que eu e sempre o vi como meu filho, mora também a namorada do meu irmão e meu pai passa o dia aqui, ele só não dorme aqui. Meus pais são divorciados e ao lado aqui da casa, na entrada, temos uma cozinha industrial e toda a família utiliza por que trabalhamos com produção de salgados, bolos, confeitaria. Meu pai tem uma lanchonete. Minha mãe é aposentada por motivo de saúde e como só o dinheiro da aposentadoria não cobre suas despesas ela faz bolos, doces e comida também para vender. Então todos utilizamos a cozinha industrial. É das encomendas que também estou obtendo dinheiro durante essa pandemia, agora, por exemplo, nas festas de final de ano eu e minha mãe estamos recebendo encomendas de doces, salgados e ceias. As comidas minha mãe faz e eu sou responsável pelos doces, tortas, bolos e chocolates personalizados e essa atualmente é minha renda pessoal, mais a renda do meu marido que é professor. Antes da pandemia eu fazia estágio em instituição educacional e trabalhava na lanchonete de meu pai como gerente comercial.

Decidi trancar o curso por algumas razões. Eu já havia estado grávida antes e infelizmente e inexplicavelmente findou em um aborto tardio. Desse modo, quando engravidei dessa vez, a gente ficou com muito medo e conseqüentemente acabamos tendo um pouco mais de precaução pra tudo. Descobri a gravidez em fevereiro de 2020 e estava cursando o segundo período letivo de 2019 (pelo calendário da UFS), então, antes mesmo da pandemia, cuja situação se esclareceu pela demanda de isolamento social a partir de março de 2020, eu já

havia decidido que iria parar os estudos até finalizar a gestação. Iria então, terminar aquele período que eu já estava cursando e quando abrissem as matrículas para o próximo eu iria trancar, até porque só faltava entregar a monografia para concluir. Como não deu para finalizar a monografia e logo veio a pandemia, fiquei vivenciando minha gestação e aguardando como ficaria a situação da UFS, que teve suas aulas suspensas. Quando meu filho nasceu tive dificuldade com a amamentação e também tive infecção urinária, situações que complicaram o contexto com uma criança tão pequena pra cuidar, que já é uma grande demanda. Sem falar de toda essa situação incerta, desconhecida e que nos deixa a todos inseguros e temerosos que é a pandemia. Mesmo sendo o ensino de forma remota acredito que seria muito complicado conciliar com as aulas, que não quero fazer de qualquer jeito, será minha profissão, tenho um compromisso com minha formação. No próximo semestre letivo pretendo me matricular e concluir.

Resultados e discussões

Imersas nos mais variados contextos, as mulheres estão sendo fortemente afetadas com a crise sanitária instalada com a chegada da pandemia de COVID-19. Para as estudantes mães do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, acumulam-se problemáticas. A partir de março de 2020 muitas mudanças impactaram a vida das alunas em vários aspectos.

Suas histórias a respeito desse período pandêmico trazem especificidades que revelam as sérias consequências das desigualdades de gênero sobre suas vidas, nos desafiando a compreender os desdobramentos desse impacto em sua vida pessoal, profissional e social, além de nos oferecer subsídios para também conhecer sobre suas representações a respeito da maternagem nesse contexto.

A elas está sendo demandado estruturar uma nova configuração familiar, onde o lar condensa todos os espaços antes ocupados pelos seus fazeres e laços sociais. O espaço da casa se transformou também no lugar do exercício da profissão e do estudo, seus e de seus filhos, exigindo atenção redobrada para organizar o ambiente estético e estrutural (evitando ou minimizando ruídos nos momentos de aulas, mobilizando ferramentas digitais, observação quanto a qualidade do sinal de internet e buscando um mobiliário que minimamente contribua para o desenvolvimento das atividades).

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Nas palavras de “A desenhista” sobre a situação do processo de aprendizagem dos filhos durante a pandemia, percebe-se sua angústia:

Notei que coisas que ele (filho mais novo) sabia, hoje não sabe mais, percebo que para eles foi muita perda. De tempo, o tempo está sendo empregado em televisão, celulares. O mais velho, que lia fluentemente, agora está enganchando nas palavras, enfim, esse ano foi de falhas no aprendizado, uma parada na aprendizagem e no desenvolvimento, sendo que eu não estou podendo ajudar muito de perto por conta do meu novo contexto (A desenhista).

A atenção em relação às atividades escolares dos filhos, que em muitos casos, recai exclusivamente sobre as mulheres, demanda uma mudança relacional forçada e sem orientação. A rendeira, uma das criadoras alunas mães aqui ouvidas, está às voltas com o processo de aproximação do filho de três anos com os primeiros processos de aprendizagem, que mal pôde se relacionar com o ambiente escolar, pelo rápido tempo que lá teve a oportunidade de estar. Coube a ela a responsabilidade de ser a pedagoga do filho, que, aos olhos dela e dos familiares, apresenta sinais de dificuldades na fala, ainda sem ter concluído seu percurso acadêmico. A escultora também nos traz esse fator em seu relato sobre o contexto pandêmico, complementando em sua narrativa sobre o desgaste desse período específico:

Pensei que estando em casa por conta da pandemia, não precisando levar ela pra escola, as coisas iriam ser um pouco mais fáceis, mas, me enganei, não é tanto o cansaço físico, mas, mental (A escultora)

As jornadas dessa estudantes dobrou ou triplicou. Na pesquisa de Oliveira (2020) esse fator é destacado, quando a autora revela que a pandemia apenas escancara os desafios impostos às muitas mulheres mães que precisam trabalhar em jornadas duplas ou triplas. Segundo a autora:

Agora, mais do que antes, o espaço doméstico é vivido (e refletido) mais intensamente com a família confinada em casa, ao mesmo tempo em que nossas ações continuam nos conectando com o mundo externo à casa. Tarefas domésticas de abastecimento (presenciais ou on line), o trabalho remoto ou à educação domiciliar das crianças, bem como outras práticas da rotina da mãe-trabalhadora, evidenciam que pensar nossa ação enquanto sujeita nos coloca fortemente em contato com o sentido aberto da espacialidade (OLIVEIRA, 2020, p. 160)

Dados sobre essa sobrecarga imposta às mulheres também encontramos nas considerações de Silva (2020):

O trabalho desenvolvido dentro do lar acabou privando as mulheres do seu escasso tempo de descanso, não há horário estipulado para o início e término de atividades, assim o trabalho público invade o ambiente privado, acarretando um acúmulo de atividades que podem gerar inclusive problemas psíquicos e exaustão (SILVA et al, 2020, p. 153).

Oliveira em sua pesquisa ainda nos questiona sobre qual lugar da casa a mulher-mãe pesquisadora vai ambientar seu “lugar-dentro- do-lugar”, seu tempo-espço do trabalho? Ela relata que para escrever as linhas do seu artigo, em sua condição mãe, teve que se fechar no quarto o qual adaptou como escritório para que fosse possível realizar o trabalho intelectual com o mínimo de silêncio e concentração que a tarefa exige. Segundo a autora, horas dedicadas ao trabalho e que são incompreensíveis para uma criança que tem a mãe tão perto e tão longe.

Outra das nossas criadoras, “a bordadeira”, também nos relata sua responsabilidade em relação às atividades da filha de quatro anos de idade, além das demandas da criança solicitando sua atenção, já que percebe a proximidade que representa a presença da mãe no espaço de casa, fato esse encontrado também no relato da “tecelã”, que é mãe de um bebê de três meses, e até mesmo no relato da “costureira”, mãe de dois adolescentes.

Produzir intelectualmente, aliás, é outro fator problemático para as alunas mães. Oliveira nos diz a respeito:

Não é novidade que a maternidade seja vista como obstáculo à carreira científica, e o isolamento social enquanto contenção do Corona-vírus parece simplesmente ter exacerbado essas desigualdades, eliminando o apoio que as mulheres possuíam para encarar mais essa desigualdade de gênero, que passa pelos cuidados com as crianças (OLIVEIRA, 2020, p. 160)

Percebemos essa dificuldade, por exemplo nas narrativas de “a tecelã” quando destaca que, nesse período de aulas remotas foi convidada a fazer parte de um dos Programas do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, o Residência Pedagógica, como voluntária, atividade importante para sua formação, principalmente nesse momento de suspensão das atividades escolares presenciais, constituindo-se em uma forma da aluna manter um vínculo com o desenvolvimento de práticas pedagógicas, mesmo que de forma remota, constatação que a levou a aceitar o convite, porém, vendo-se impossibilitada pelas tantas demandas junto aos cuidados com o filho pequeno, se viu obrigada a desistir da oportunidade.

Silva (2020) considera a respeito:

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Para além da produtividade acadêmica é importante ressaltar que a pandemia também impacta sobre a permanência das mães no ensino superior brasileiro. Dentre os aspectos dificultadores para a permanência podemos apontar a sobrecarga materna, questões emocionais, a desigualdade social que acarreta na inacessibilidade à internet e aparelhos tecnológicos como computadores e celulares, necessidade de trabalhar mais para conseguir manter a família, e atividades passadas pelos professores que não correspondem à realidade do momento e que não levam em consideração a situação da mulher mãe estudante. Nesse sentido, mulheres são as mais afetadas na pandemia com o acúmulo de tarefas, desemprego, diminuição da produtividade acadêmica e evasão do ambiente universitário (SILVA, et al, 2020, p. 156).

Tanto no relato da “a tecelã” quanto das criadoras “a desenhista”, “a costureira”, “a bordadeira” e “a ceramista” encontramos confluência com o fato de estarem enfrentando sérias dificuldades em desenvolver suas monografias (leitura e escrita) além de suas demandas com o ensino remoto.

Com a pandemia as coisas se complicaram mais. O período remoto é mais complicado. Requer mais concentração e é difícil, cansativo. Tivemos que levar escola, universidade e trabalho pra dentro de casa. Alguns professores, infelizmente, não estão sabendo como fazer e estão dando aula como se estivessem nas aulas presenciais. Não estamos dando conta de tantas atividades e trabalhos. [...] Em casa não há tempo livre, nunca. Quando termino uma atividade mesmo um longo trabalho, não posso descansar, vou cuidar de algo em casa, que sempre tem algo pra fazer, então, não há descanso (A costureira).

Fico triste e angustiada, quero entender o conteúdo, quero atender as demandas da universidade, não quero só acessar as aulas e deixar lá, ficar só escutando a aula, não quero isso, quero aprender. Faz um mês que não consigo sentar pra estudar sobre a monografia, isso me deixa triste (A tecelã).

Esse é um dos fatores elencados pela “a ceramista” para ter se decidido a trancar o curso esse período, embora mantenha, como possível, leituras pertinentes ao seu tema no desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso, mas, a partir de sua compreensão seria improvável conseguir conciliar os cuidados com seu bebê, seu trabalho que agora ocupa o espaço doméstico e as demandas acadêmicas, adiando a conclusão do seu curso.

Quando meu filho nasceu, tive dificuldade com a amamentação e também tive infecção urinária, situações que complicaram o contexto com uma criança tão pequena pra cuidar, que já é uma grande demanda. Sem falar de toda essa situação incerta, desconhecida e que nos deixa a todos inseguros e temerosos que é a pandemia. Mesmo sendo o ensino de forma remota acredito que seria muito complicado conciliar com as aulas, que não quero fazer de qualquer

jeito, será minha profissão, tenho um compromisso com minha formação (A ceramista).

Me matriculei nas disciplinas do turno da noite, nas aulas remotas, porque assim tenho o dia para fazer as leituras, com meu filho do lado, além dos serviços da casa, mas é o que posso fazer para compreender os textos, estudar e fazer as atividades, até porque para muitas aulas temos que ter lido algum material para poder discutir e compreender a aula. Ele conversa e quer chamar minha atenção enquanto leio algo, textos ou leio no celular ou estou assistindo aula síncrona, aí não sei pra onde olho, é complicado! (A rendeira).

Com exceção da “a costureira” todas tiveram suas atividades relacionadas a educação suspensas, com a ausência de aulas presenciais e as escolas fechadas. Seus contratos foram cancelados, levando-as a buscarem em outras áreas, formas de sobrevivência, suprimindo as necessidades da família, constituindo-se em uma enorme modificação em suas perspectivas, com reflexo em seus contextos.

Tais mudanças imprimem uma necessidade em olhar para o cotidiano dessas alunas, mulheres que estão sofrendo os impactos emocionais dessas reconfigurações quanto as interações e formas de conviver, além das novas maneiras de estudar e aprender, tudo tão repentino e sem oportunidade de escolha, é assim ou não estudar, não trabalhar. Suas vidas mais uma vez nesse processo excludente que impõe às mulheres mães a priorização de sua condição materna. Ausência de rede de apoio, ausência de possibilidade de deixar o filho aos cuidados de alguém, ausência de tempo para cumprir seus compromissos com estudos e atividades, mais exigidas ainda no ensino remoto, ausência de acolhimentos, muitas vezes ausência de escuta fortalecedora. Não há dúvida que esses impactos refletem diretamente na qualidade de sua formação.

Essa semana mesmo aconteceu uma situação que decidi não assistir uma aula e ficar com meu filho, porque sinto que não quero perder os momentos com ele, então, nos vemos sempre tendo que escolher (A tecelã).

Em sua coluna “Crônicas de Mãe”, da Revista Cláudia, a professora Ana Carolina Soares descreve o quanto o trabalho doméstico e o ato de cuidar foram temas de extensos debates no ano de 2020 que, segundo ela, trata-se do ano que ainda não acabou, em termos de crise histórica, constituindo-se em um corte profundo no fio do amanhã. De acordo com Ana Carolina, “não sobra mais muito espaço para adiar sonhos e projetos e as mães ganharam espaço público para falarem de seus cansaços, de seus sonhos e mostrarem sua importância e força social”.

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Lima e Moraes (2020) refletem sobre essa demanda do cuidado familiar (relacionado aos filhos, aos mais velhos, às pessoas doentes) sobre as mulheres, revelando como a pandemia de Covid-19 evidencia e intensifica as desigualdades sociais antes já existiam, além de provocar reorganizações nas formas de sociabilidade e convivência entre as pessoas. Os autores percebem, em relação a convivência entre as pessoas, em um extremo mulheres sobrecarregadas com a dinâmica da família nuclear, que implica no trabalho doméstico e de cuidado ininterrupto e pouco compartilhado e no outro mulheres que estão passando por esse contexto solitárias, com ou sem redes de apoio.

Segundo os autores, o trabalho de cuidado que nos é ensinado desde criança, se aperfeiçoa, introjetando-se nas subjetividades femininas, se reproduzindo e mercantilizando, sempre condicionando-as às expectativas sociais ao ponto de naturalizar-se e então constituir-se em opressão. ““Ao que parece, o vírus não quebrou estruturas sociais, mas as intensificou, mostrando com maior nitidez o quão mais desiguais e opressoras elas podem ser””(LIMA e MORAES, 2020, p. 04).

Bartmeyer e Salles Filho (2020) que buscaram através de sua pesquisa discutir o direito à educação e sua relação ao gênero no sentido de acesso e permanência no ensino superior durante a pandemia, analisando a sobrecarga das alunas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, destacam que tanto o sentimento de estar encurralada em sua subjetividade quanto a sobrecarga sobre mulheres e a mães acadêmicas podem explicar porque, no questionário da UEPG, as mulheres afirmam ter a saúde mental mais afetada do que os homens, principalmente durante a pandemia da COVID-19. Quando os autores uniram esses dados com a quantidade de horas disponíveis e o que está a diminuir este tempo livre, foi possível entender a relação existente entre a saúde mental mais afetada das acadêmicas da UEPG, o fato de terem menos tempo disponível e responderem que estão ocupadas com atividades domésticas ou cuidado intenso com outra pessoa, denotando principalmente que, durante a pandemia, muitas mulheres acadêmicas têm notado a dificuldade em produzir devido a essas responsabilidades.

Recorremos ao que nos diz Ana Carolina Soares em seu texto no Crônicas de Mãe:

Se há algo que a pandemia escancarou é que cuidado, colo e carinho são trabalhos diários, políticos e sociais. Mães escolhem “Amaternar” todos os dias, mesmo quando sobrecarregadas, feridas e extenuadas. Exercer o ato de respeitar todas as

escolhas feitas pelas mulheres é revolucionário e inédito na História da Humanidade (SOARES, 2020)

Considerações finais

O movimento dessas mulheres no ensino superior tem sido o de constantemente remover barreiras, que já há muito tempo vêm sendo lançadas, marcando seus corpos femininos, maternos.

A imagem propagada dos sentimentos maternos inatos foi transmitida através das gerações (através de troca de experiências, histórias, contos) e mostra a dedicação que a mãe deve ter à prole, levada ao extremo de renúncia em prol da preservação e sobrevivência dos filhos, exaltando-se as qualidades de uma “boa mãe”. Esse discurso moralizador, mesmo nos dias atuais, ainda cobra das mulheres amor e cuidados incondicionais com seus filhos (TOURINHO, 2006, p.30)

Nas narrativas referentes ao período contextualizado pelo distanciamento social e as incertezas e inseguranças por conta da pandemia de COVID-19, instalada, no Brasil, em março de 2020, nos é possível perceber problemáticas que se revelaram de forma mais evidente. O cuidado, historicamente atribuído à figura feminina demanda delas a exaustão de, nesse contexto tão problemático, se dividir entre tantas tarefas, do lar, dos estudos, do trabalho, dos filhos, da limpeza que protegerá toda a família. De fazer do lugar da casa o ambiente de trabalho, a escola, a universidade, as terapias, o lazer. Desdobramentos recebidos como naturais e quase sempre com pouco ou nenhum apoio. Estudantes que deixaram o ambiente da instituição escolar, assim como o da universidade e do contato com os colegas. Para a “a ceramista”, por exemplo, afastamento do curso, suspensão. Em outro exemplo, “a tecelã”, que se viu obrigada a desfazer um compromisso acadêmico quando percebeu que não daria conta.

O ano novo na vida das mães acontece todos os dias. E sempre que achamos que entendemos o que fazer, a idade mudou, a criança cresceu, os desafios, as comemorações e as resoluções se renovam. Amar é ato que cansa e transborda. Maternar é um ato político de amar e cuidar sem escalas ou reconhecimento. Toda mãe sabe viver crises e pequenos réveillons dentro de casa (SOARES, 2020)

Nesse contexto, suas representações sobre maternagem podem ser percebidas como forma de resiliência, múltiplas funções ao mesmo tempo, sobrecargas que a elas cabe obrigatoriamente conciliar, sob o mito da boa mãe e sustentáculo do lar. O dever de ser forte na vulnerabilidade. O amparo que delas deve emergir e ao qual elas, muitas vezes, acreditam e compreendem nem merecer, já que precisam ser fortes, o que significa, não expressar. A naturalização da sobrecarga.

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

O trabalho reprodutivo (de manutenção e cuidado) que sempre foi fundamental, nesse momento de crise sanitária é prioritário para a sobrevivência. Porém, segue sendo desvalorizado. Assim, não podemos aceitar/ naturalizar a sobrecarga de tarefas, fruto da injusta divisão sexual do trabalho, acompanhada da histórica desvalorização dessas tarefas (INSFRAN e MUNIZ, 2020, p. 43-44)

As alunas desbravam lutas diárias para alcançarem seus objetivos e muitos desafios a serem superados. O que pode ser observado é que muitos desses desafios estão relacionados às representações de mulher, mãe e professora, que todas essas estudantes parecem guardar dentro de si, e que surgem a cada fio de memória (ou não memória) puxado, trançados. Esses fios as constituem e, nas suas experiências (encontros e desencontros) se refazem ou desfazem, reconfigurando-se. Entretanto, a ausência do conhecimento sobre como esses fios foram sendo produzidos, em um movimento de vida automatizado, direciona a uma estagnação, ausência de potência. Apesar dos muitos avanços quanto à participação das mulheres na esfera pública e na busca por desconstrução dos estereótipos de gênero que as limitam dentro de características homogêneas, que as controlam e as mantêm subjugadas, tanto na vida privada quanto pública, os estereótipos que constituem o mito da “boa mãe” seguem existindo e povoando o imaginário social, impactando as mulheres em todos os setores de sua vida, inclusive, na vida daquelas que não desejam ser mãe.

Narrar a respeito de seus enfrentamentos no contexto pandêmico permitiu emergir suas representações quanto à maternagem, nos permitindo aproximarmos do quanto a divisão sexual de gênero transpassou suas percepções e impactou seus modos de experimentar e assim fazer e refazer os sentidos sobre a maternagem. Buscamos conhecer tais respostas, que aqui não se esgotam, ao contrário, alimenta-se a necessidade de expandir-se mais a busca e reflexão, para que encontros e desencontros sejam possíveis às alunas mães. Para que possibilidades não lhe sejam negadas, nem suas formações negligenciadas. Para que não se pautem em concepções falsamente universais. Para que não conduzam suas vivências pautadas no ideal da boa mãe. Para que percebam, sintam e reverberem a maternagem de forma mais leve, sem a tomarem como âncoras de suas vidas. Que essas mulheres se permitam exercer sua profissão sem fundamentá-la em estereótipos.

Que possam lutar por seus direitos, sem sentir culpa ou vergonha. Sintam-se seguras em debater, discutir e questionar sobre a discriminação que percebem, sentem e sofrem. Para que não mais acreditem estar fazendo algo errado ao buscarem seus objetivos.

Referências

- Ana Carolina Eiras Coelho Soares. **Um ano novo de Amatermar coletivo**. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/blog/cronicas-de-mae/um-ano-novo-de-amatermar-coletivo/?fbclid=IwARoeMvp21ti6SBbn6TEYKDoJDzQNGiq62jRQARpSa77Qjl99Vz-rfIFZY28>> . Acesso em 10 de janeiro de 2021 às 16:48.
- INSFRAN, Fernanda; MUNIZ, Ana Guimarães Correa Ramos. Maternagem e Covid-19: desigualdade de gênero sendo reafirmada na pandemia. **DIVERSITATES International Journal**, v. 12, n. 2, p. 26-47, 2020.
- LIMA, Andressa Lidicy Moraes; DE MORAES, Lorena Lima. A PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE MULHERES BRASILEIRAS. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c22568-c22568, 2020.
- MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. SPE2, p. 184-189, 2014.
- OLIVEIRA, Eliene Dias de; ZANCHETT, Silvana Aparecida da Silva. Memória. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.
- SILVA, Juliana Marcia Santos et al. A FEMINIZAÇÃO DO CUIDADO E A SOBRECARGA DA MULHER-MÃE NA PANDEMIA. **Revista Feminismos**, v. 8, n. 3, 2020.
- SILVA, Livia Maria Nascimento; NUNES, Cicera; DE QUEIROZ, Zuleide Fernandes. O ônus da maternagem e os impactos na trajetória educacional e acadêmica das mulheres. **Debates em Educação**, v. 12, n. Esp, p. 624-642, 2020.
- TOURINHO, Julia. A mãe perfeita: idealização e realidade. **IGT na Rede**, v. 3, n. 5, 2006.

Nota

Esse artigo origina-se a partir das análises dos dados relativos a um dos eixos de análise que compõe o trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia desenvolvido pelas autoras, orientadora e discente, na Universidade Federal de Sergipe em 2021.

Maternar e estudar no contexto pandêmico: narrativas de estudantes mães alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe

Sobre as autoras

Dinamara Garcia Feldens

Possui licenciatura em História (1996), Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS/RS. Possui pós-doutorado pela Universidade Complutense de Madrid UCM. Coordena o Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UFS/CNPq). É pesquisadora e professora da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós Graduação em Educação.

Email: dfeldens@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6471-3876>.

Débora dos Reis Silva Backes

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (2021).

Membro do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva – NÚPITA/UFS e do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UFS/CNPq). Especializanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Metropolitan Educação- FAMEESP.

Email: debsilvabac@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4466-2658>.